

**II Seminário de Corantes Naturais para Alimentos  
I Simpósio Internacional de Urucum**

**CULTURA DO URUCUEIRO**

**Anésio BALIANE**

## CULTURA DO URUCUEIRO

Anésio BALIANE<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

A lavoura urucueira (*Bixa orellana* L.), com base nos cultivares conhecidos, apresenta-se como alternativa agrícola para regiões de climas quente e úmido, em terrenos de topografia variável, de plano a acidentado e solos com fertilidade mediana.

Seu cultivo é relativamente simples. Necessita apenas de pequena mão-de-obra durante as operações que ocorrem no campo, durante a implantação do urucual e, principalmente, quando a exploração já se encontrar em produção.

As despesas com adubos e agrotóxicos são reduzidas, estando ao alcance de todos os produtores. O custo de produção é significativamente baixo, sendo também pequeno o capital inicial a ser empregado.

O plantio permite intercalar outras culturas de maior porte (seringueira, coqueiro, etc.) e também plantar entre suas ruas outras espécies anuais e de ciclo curto (olerícolas, feijão, maracujá, etc.). Neste caso é aconselhável utilizar espécies ricas em flores ou outras partes atraentes de insetos polinizadores, como as abelhas, por exemplo, que irão contribuir para o aumento da polinização das flores do urucueiro (de baixa atratividade) e, conseqüentemente, elevar sua produtividade.

A exploração despende 40 dias homem/ha/ano. O trabalho concentra-se principalmente nas épocas de colheita (fevereiro/março e junho/agosto). A taxa de retorno anual é de 233%, constituindo uma das melhores opções de investimento agrícola, ao lado de lavouras permanentes como café, citros e serigueira.

O mercado potencial ainda é pouco conhecido. Sabe-se, porém, que é muito grande, tanto no Brasil como no exterior.

Prevê-se, inclusive, que, com o aumento da produção de grãos, haja uma estruturação dos processos de comercialização.

### ASPECTOS CULTURAIS

**Escolha das matrizes** — As plantas matrizes deverão possuir as seguintes características:

- a) Copa abundante, achatada e área externa grande, uniforme, bem distribuída e equilibrada, assemelhando-se a um guarda-chuva.
- b) Alta produção, manifestada por grande número de cachos, com elevado número de cápsulas por cachos e maior quantidade de grãos por cápsulas (acima de 54).
- c) Tronco constituído de haste única, erecto e com ramificações a partir de 30cm do colo.
- d) As cápsulas (cachopas) deverão permanecer fechadas, mesmo após o seu secamento, desprovidos de pêlos e maturação uniforme.

<sup>1</sup> - Engenheiro-agrônomo, extensionista da EMATER—Rio e Diretor da Defesa Sanitária Vegetal do Estado do Rio de Janeiro.  
Trabalho apresentado no I Simpósio Internacional do Urucum — São Paulo — Brasil.

## PROPAGAÇÃO

A espécie pode ser propagada de duas maneiras:

**Assexuada** — pelo enraizamento de estacas obtidas de ramos maduros, com 3 a 4 gemas, processo ainda pouco usado nos plantios comerciais.

**Sexuada** — pela germinação de sementes; consiste no método mais usado, por ser o mais fácil, tendo, contudo, o grave defeito de gerar plantas heterogêneas e, conseqüentemente, talhões desiguais.

## VARIEDADES

A facilidade de propagação espontânea do urucueiro por meio de sementes, com o tempo, permitiu o aparecimento de tipos nativos nos mais diferentes rincões da região tropical brasileira. Hoje, conhecem-se cultivares regionais que foram obtidos por meio de coleção do material genético local existente, levando-se em consideração principalmente as características das cápsulas (cachopas).

Assim, por exemplo, no Estado da Paraíba, BATISTA, F.A.S. e outros citam 14 variedades cultivadas; no Estado do Pará, OHASHI, E.Y. e outros levantaram 2 tipos e no Estado do Rio de Janeiro, BALIANE, A. distingue 4 cultivares existentes. Observa-se, portanto, que existem certos cultivares que apresentam qualidades consideradas vantajosas para os produtores, sendo, por isso, selecionados e usados como sementes.

Na verdade, esses tipos descritos não podem ser considerados variedades, porque a propagação feita por sementes não pode garantir que os descendentes sejam iguais aos pais. Pouco ainda se conhece do universo do material disponível, para se recomendar, com segurança, um determinado cultivar, sobretudo, quando se sabe que os cultivares poderão apresentar diferentes comportamentos, se plantados fora de sua região de origem.

No Estado do Rio de Janeiro sugerem-se, atualmente, dois cultivares: o cabeça-de-moleque, para as áreas de menor fertilidade e acidentadas; e o papua, para as áreas planas e solos mais férteis.

A seleção Wagner também é viável, desde que se dê continuidade ao trabalho de seleção das plantas que produzem cápsulas tricarpelares. Esse trabalho foi iniciado por Geraldo Wagner de Azevedo, que conseguiu obter 60% dessas cápsulas em suas plantações.

## QUANTIDADE DE SEMENTES

Um quilo de sementes de urucu contém, aproximadamente, 30.000 unidades. O plantio definitivo exige aproximadamente 500 boas mudas por hectare. Essas mudas serão obtidas pelo semeio de 50 gramas de sementes, ou seja, 1.500 sementes que, mesmo sofrendo uma rigorosa seleção de 3 para 1, serão suficientes para cada hectare a ser plantado.

## SEMENTEIRA

A sementeira deverá localizar-se próximo a uma fonte de água, em solos de boa drenagem, permeáveis e, de preferência, leves, para facilitar o arrancamento futuro das mudas. A área precisa ficar com a terra solta, a fim de serem distribuídos e incorporados sem problema os esterços orgânicos disponíveis. Os canteiros deverão ter lavoura de 1,20m, altura de 10 à 15cm e comprimento variável, de acordo com a quantidade semeada.

II Seminário de Corantes Naturais para Alimentos  
I Simpósio Internacional de Urucum

O semeio ocorrerá em linhas de 10cm de distância, abertas com profundidade de 1,5 a 2,0cm sobre os canteiros, onde as sementes serão distribuídas, procurando-se manter o espaço entre si de 1 a 2cm. Cobrem-se os canteiros com uma leve camada de terra solta e sobre esta uma cobertura morta de capim ou palha. Iniciam-se então as regas diárias, para manter o canteiro permanentemente úmido.

A germinação ocorrerá em 14 a 20 dias. Quando isto acontecer, faz-se então o raleamento das palhas até a sua total eliminação.

### ARRANQUIO DA SEMENTEIRA

A retirada das mudas para transplântio deverá ser feita quando elas apresentarem entre 30 e 50cm de altura, medidas a partir do colo até a extremidade da gema de crescimento. Ajudado por uma vanga ou cavadeira e estando o canteiro úmido, o operador vai deslocando as carreiras e arrancando as mudas, que ficam com suas raízes livres do solo ou "nuas".

### SELEÇÃO DAS MUDAS

Eis um ponto muito importante: as mudas retiradas precisam ser rigorosamente selecionadas, eliminando-se as fracas, contorcidas, estioladas e retendo-se as que se apresentarem vigorosas, de caules erectos, folhas desenvolvidas, sadias e com características de boa vitalidade. Nestas é feita então a toailete, isto é, toma-se uma tesoura de poda, cortam-se as extremidades das raízes com mais de 20cm e reduz-se em 50% a área foliar, eliminando-se também as folhas velhas pelo corte do seu pecíolo. Completa-se o preparo das mudas com o "barreamento" do sistema radicular, que consiste em mergulhar as raízes em uma "lama argilosa", visando lhes dar maior proteção e garantir seu pegamento, quando plantadas.

As mudas assim preparadas são grupadas em 10-15 unidades, amarradas e depositadas à sombra, à espera da hora de ir para o campo.

Existem outras formas utilizadas de semeio, como em saco plástico e/ou semeio direto. Entretanto, julgamos o método acima descrito o mais recomendável, para o nosso meio rural.

### FORMAÇÃO DO URUCUAL

Para a formação do urucual, devem-se evitar as áreas planas encharcadas. Em topografias acidentadas, recomenda-se o uso de práticas de conservação do solo.

### ESPAÇAMENTO

A distância entre linhas e entre os pés deverá ser definida de acordo com as condições locais. Entre as variáveis que interferem, podemos citar: topografia e fertilidade do solo; porte da copa dos cultivares e plantio solteiro ou consorciado. Alguns técnicos vêm utilizando o plantio em filas duplas, formando renques de proteção contra o vento, tendo aí a copa do urucueiro mais uma finalidade.

No Estado do Rio de Janeiro, para as variedades cabeça-de-moleque e papua, recomendam-se, respectivamente, os espaços de 5 x 4 metros e 6 x 5 metros.

## COVEAMENTO

As covas deverão ser abertas com o terreno limpo, livre de coivaras, podendo ou não estar arado e gradeado, de acordo com os recursos disponíveis e as condições locais. Tamanho 30 x 30 x 30cm, acrescentando-se, no seu reenchimento, além do solo, mais 5kg de adubo orgânico existente, desde que bem curtido.

## PLANTIO DEFINITIVO

Preparadas as covas e havendo disponibilidade de mudas, aguarda-se um dia nublado, em que o solo esteja bastante úmido (2 ou 3 dias após as primeiras chuvas) e realiza-se então o plantio das mudas.

Nesta operação é aconselhável que o colo fique no mesmo nível da superfície do solo e que as raízes sejam fixadas ao solo por meio de uma leve pressão da terra com as mãos. Essa prática visa aumentar o índice de pegamento, reduzindo o trabalho de replantio, feito nas covas onde as mudas não vingaram.

## TRATOS CULTURAIS

**Capinas ou coroamento** – Consiste em manter a área plantada livre de ervas daninhas. Recomenda-se capinar ao redor das mudas, fazendo-se a roçagem nas demais áreas.

Quando os pés se tornam adultos, o coroamento deve ser feito sobre toda a copa. Essa prática torna-se fácil porque as folhas caducas do urucueiro se incumbem de eliminar as ervas sob sua copa.

## CALAGEM E ADUBAÇÃO

O solo com pH entre 5,5 e 6,0 não necessita de calagem. Entretanto, estando o solo ácido, esta prática é recomendável, usando a quantidade de calcário dolomítico indicado pela análise do solo.

A adubação orgânica, por sua vez, precisa ser feita de acordo com a disponibilidade do adubo curtido, em quantidades que variam de 5 a 10kg por pé.

A adubação mineral, segundo o Manual de Adubação—RJ, deverá complementar a orgânica.

a) Adubação de plantio com base na análise inicial do solo. Aplicar:

Teor de P no solo (PPM)	Dose de P 205 (em g/cova)	Teor de K no solo (PPM)	Dose de K 20 (em g/cova)
0 – 20	– 60	0 – 45	– 40
> 20	– 30	> 45	– 20

Nitrogênio: 20g por planta, dois meses após o plantio.

II Seminário de Corantes Naturais para Alimentos  
I Simpósio Internacional de Urucum

b) Adubação de formação e produção: até o terceiro ano de formação, aplicar em cobertura, anualmente, e por planta, 20g de N e a dose de K 20, recomendada de acordo com análise inicial do solo. A partir do quarto ano é feita a adubação de produção, aplicando-se, em cobertura, por planta e anualmente, a mesma dose de N indicada para o plantio e período de formação. Aplicar adubo fosfatado de uma só vez, no início da estação chuvosa, juntamente com a metade das doses de N e K. Aplicar o restante de N e K no final do período das chuvas. Os adubos devem ser aplicados na projeção da copa e ao redor da planta, numa faixa de solo de 1m de largura, marcada a partir do final da projeção da copa.

Presume-se que os adubos químicos possam alterar os teores de bixina dos grãos; daí recomendar-se cautela nas suas aplicações, a menos que possam ser feitas análises de acompanhamento entre os adubos químicos aplicados e os respectivos teores de bixina das sementes das plantas que foram adubadas.

## PODA

Tratando-se de planta de origem tropical, via de regra não se recomenda nenhuma poda sistemática. Entretanto, visando proteger melhor a região do colo, sujeita a injúrias mecânicas, que poderão dar origem a problemas fitossanitários e também para evitar que ramos laterais baixeiros toquem no solo, prejudicando a qualidade do produto, recomenda-se:

**Poda inicial da muda** — que consiste em segar as gemas para evitar a emissão de ramos laterais até a altura de 30cm, a partir do colo. Esta operação deve ser feita durante o preparo das mudas, antes do seu plantio.

**Poda em plantas adultas** — eliminação de ramos que se projetam para cima, tornando-se altos e dificultando a colheita, ainda não foi bem estudada.

## PROBLEMAS FITOSSANITÁRIOS

Ocorrem vários, destacando-se:

- 1 — Insetos — gorgulho das cápsulas (*Stator biral*)  
— formigas saúvas (*Atta* spp)  
— Cochonilhas (*Pseudococcus* sp)
- 2 — Ácaros — vermelhos
- 3 — Fungos — mancha foliar (*Cercospora biral*)  
— oídio das sementes (*Oidium bixal* Viegas)  
— oídio das folhas (*Oidium biral*)  
— artracnose (*Colletotrichum* sp)
- 4 — Algas — ferrugem amarela (*Cephaleuros virescens*)

As recomendações de agrotóxicos e afins, contudo, devem ser cautelosas, uma vez que ainda não são conhecidos produtos químicos registrados para serem utilizados nas lavouras de urucu. Dessa forma, deverão ser consultados os técnicos da Secretaria Nacional de Defesa Agropecuária do MARA.

## COLHEITA

A colheita deve começar quando 2/3 dos cachos já se apresentarem secos. Por outro lado, deve-se evitar a colheita em dias chuvosos e quando as folhas se encontrarem molhadas e úmidas. O ideal é fazê-la em dias ensolarados e a partir das 10 horas.

O operador armado de uma tesoura de poda e carregando nas costas um balaio de taquara preso aos ombros através de alças, medindo aproximadamente 0,70cm de altura por 0,60cm de diâmetro, realiza a colheita. Os cachos são cortados com 10cm de pedúnculo e colocados no balaio. Quando o balaio estiver cheio, o operador então despeja o conteúdo em lonas distribuídas pelo urucual. Quando as lonas estiverem cheias, deverão ser dobradas e amarradas pelas quatro pontas e conduzidas até o galpão onde as cápsulas serão depositadas a granel.

## SECAMENTO

Consiste em espalhar os cachos em terreiros de cimento ou superfícies limpas, para reduzir o teor de umidade para 13 a 15%. A seguir, as cápsulas são recolhidas e levadas até as máquinas de beneficiamento.

## BENEFICIAMENTO

É realizado por máquinas descachopadeiras, que recebem em suas moegas as cápsulas fechadas que separam as cascas das sementes. As sementes podem ser classificadas em diferentes tamanhos de grãos. No Brasil, onde o mercado ainda é pouco exigente, o mais usado é o ensacamento das sementes na mesma sacaria, chamado de "bica corrida". Os grãos destinados ao mercado devem ser embalados em sacos de 50kg.

**Copidesque:** Cristovão Gabinio, jornalista especializado em Extensão Rural.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. ALMEIDA, L.D. *et al.* Manual de Adubação para o Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRRJ, 1988. 179p.
2. BALIANE, A. Cultura do urucueiro. Rio de Janeiro: EMATER:Rio, 1982. 10p.
3. BATISTA, F.A.S.; SOUZA, S.P.; OLIVEIRA, F.Z. O urucueiro. João Pessoa: EMATER—PB. 1982. 18p.
4. OHASHI, E.Y.; I.C.; EGASHIRA, Y. O urucu, uma opção para o Estado do Pará. Belém: SAGRI, 1982. 25p.
5. RAMALHO, R.S.; PINHEIRO, A.L.; DINIZ, S.G. Informações básicas sobre a cultura e utilização do urucum (*Bixa orellana* L.). Viçosa: U.F.V., 1987. 22p.
6. WAGNER, G. Implantação agrícola do urucueiro. Saquarema—RJ, 1987. 118p.